

Após o colapso do bloco comunista e o fim da guerra fria, os órgãos de inteligência receberam uma nova missão. Antigos rivais políticos e militares como os Estados Unidos e a Rússia são agora concorrentes num mercado global, e empregam agentes secretos para colher dados sobre novas tecnologias, fusões de empresas e as atividades das mais importantes corporações. Até mesmo nações supostamente amigas espionam umas às outras, obtendo às vezes resultados embaraçosos. Uma teia quase impenetrável de mentiras e boatos cerca o mundo misterioso da espionagem industrial.

Em 1995, quando representantes do governo americano e da União Europeia se reuniram para discutir questões de comércio mundial, os delegados europeus ficaram surpresos ao ver a quantidade de informações que os americanos pareciam ter a respeito das posições europeias. No ano seguinte descobriu-se como; o governo dos EUA ordenara a agentes da CIA (Agência Central de Inteligência) — o mais conhecido dos muitos órgãos de inteligência secreta dos EUA — que conseguissem acesso aos sistemas de computadores da União Europeia. A CIA havia obtido informações exatas sobre as táticas que os europeus seguiriam nas futuras negociações.

Em 1996, a França foi sacudida pela notícia de que o M 16 (o serviço britânico de contra-inteligência) havia roubado da base naval francesa, em Brest, uma tecnologia nova e altamente secreta — um sistema de satélite para rastrear submarinos atômicos. Em 1998, revelou-se que, durante muitos anos, um cientista sinoamericano, que trabalhava no laboratório de pesquisa de armas de Los Alamos, no Novo México, estaria repassando à China os segredos do programa norte-americano de desenvolvimento de mísseis, permitindo assim que os chineses produzissem sua própria tecnologia de míssil balístico altamente sofisticada.

Mas os segredos militares e de Estado sempre foram jogo limpo para agentes secretos.

Muito mais preocupantes — e mais difundidas — são as atividades dos espões industriais. De acordo com a polícia secreta sueca, a Sakerhetspolisen, mais da metade dos 30 empregados da embaixada russa em Estocolmo, capital da Suécia, está engajada em espionagem industrial. Em certa época, a KGB — o serviço secreto soviético — dirigiu 600 chamarizes ou "empresas de fachada" na Suécia, sendo que a maioria delas ainda existe.

A lista de casos continua.

A espionagem industrial está agora na ordem do dia, e parece que todo país, ou corporação, espiona algum outro. Parece ridículo que um Estado seja ultrajado pelas atividades secretas de um outro, quando quase todas as grandes nações industrializadas realizam alguma forma de coleta de informação. A espionagem industrial floresce hoje em dia porque a recompensa é boa. Qualquer firma que deseje sobreviver no mercado global precisa obter informação sólida sobre as atividades da concorrência, seja em eletrônica avançada, em informática, energia atômica, aeronáutica, farmacologia ou engenharia genética. Na verdade, governos frequentemente dão apoio à espionagem industrial.



Negócio de bilhões de dólares

Não existem cifras exatas disponíveis que indiquem quanto as economias nacionais individuais se beneficiam com o roubo de know-how industrial.

Mas existe uma profusão de conjecturas sobre o dano sofrido pelas vítimas. Numa audiência da comissão do Senado dos EUA sobre espionagem industrial em fevereiro de 1996, Louis J. Freeh, diretor do FBI, não apresentou números exatos, mas afirmou que as empresas americanas estavam perdendo bilhões de dólares como resultado desses crimes. Em 1996, a indústria automobilística tornou-se foco de atenções devido às alegações de que o ex-vice-presidente de compras da General Motors (GM), Ignacio Lopez, carregara consigo caixas repletas de documentos secretos da empresa, quando se demitira da GM entrara para a fábrica de automóveis alemã Volkswagen. O caso gerou um longo e dispendioso processo judicial, e a Volkswagen foi obrigada a pagar uma indenização altíssima a sua poderosa rival americana.

Homens de negócios sempre tentaram obter informação sobre os projetos de seus concorrentes. Por exemplo, durante a chamada "guerra dos refrigerantes" nos Estados Unidos na década de 1980, a Coca-Cola sempre tentava saber o que sua rival Pepsi estava planejando, e vice-versa. Na indústria automobilística, os fabricantes tentavam descobrir quais coleções de cores estariam sendo planejadas por seus concorrentes. Mas a década de 1990 viu um aumento nas atividades de espionagem sistemática por parte de empresas estrangeiras e de institutos de pesquisa. Algumas pessoas com acesso a informações sigilosas acreditam existirem no mundo inteiro 500 mil homens e mulheres engajados em espionagem para obter conhecimentos voltados para o futuro.

A segunda guerra fria

O crescimento da espionagem industrial tem origem principalmente no fim da

militar entre Leste e Oeste desaparecia, o



guerra fria. À medida que a rivalidade colapso do comunismo realçava os antagonismos económicos. Os órgãos de inteligência não precisavam mais espionar seus inimigos políticos, mas ainda tinham de justificar seus imensos orçamentos, I sua capacidade expandida e seu caro equipamento de vigilância. Nos Estados Unidos, a CIA deslocou o foco da expansão do comunismo para o comércio de narcóticos, combate ao terrorismo , a informação económica e a disseminação de tecnologia sensível. Em outros países, órgãos de inteligência foram colocados a serviço de corporações poderosas, muitas vezes de propriedade estatal. Na verdade, o mundo envolveu-se numa "segunda guerra fria".

Mas as linhas de combate dessa nova guerra fria não correm ao longo da antiga linha divisória Leste-Oeste. Até mesmo nações amigas como os Estados Unidos e os membros da União Europeia são lenientes em relação a seus respectivos órgãos de inteligência. Apesar do estreito relacionamento entre Israel e os Estados Unidos, um relatório conjunto da CIA-FBI relaciona Israel como um dos 23 países empenhados em espionagem industrial, económica e comercial. O relatório também menciona aliados dos EUA, como a França e o Japão; e também adversários ou rivais de longa data, como a Rússia, a China e Cuba. Mas o que se pretende ganhar com o negócio arriscado da espionagem? Muitas nações industriais do Ocidente acreditam que ganharão uma vantagem sobre suas rivais se obtiverem secretamente ideias inovadoras, se examinarem as condições de contrato antes de as negociações começarem e se estiverem informadas sobre iminentes fusões de empresas.

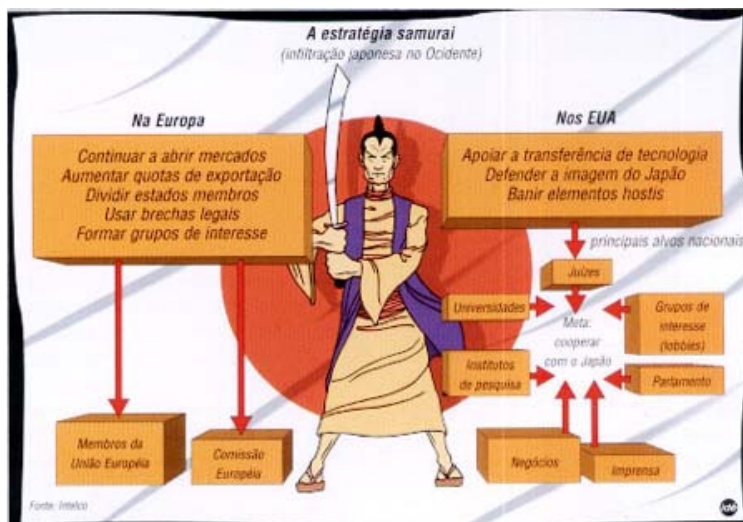
Outros países, sobretudo a Rússia e os antigos Estados do Bloco Oriental, estão desesperados para ter acesso a tecnologias ocidentais mais avançadas. Eles esperam que atividades secretas lhes poupem o esforço necessário para a pesquisa em setores de alta tecnologia. Entretanto, a Polónia, a República Tcheca e a Hungria estão evitando campos de pesquisa proibidos, a fim de não pôr em risco sua aceitação na União Europeia.

Regulamentos do governo americano restringem a transferência de tecnologia para certos Estados, dificultando a esses países o acesso às últimas inovações. Assim, eles tentam obtê-las ilegalmente através da espionagem. Os regulamentos têm como alvo países problemáticos como Irã, Iraque, Índia, Paquistão, Líbia e Síria, cujas metas são consideradas por especialistas como sendo ainda essencialmente militares, e que estão procurando obter armas de destruição em massa.

De acordo com informações fornecidas pelo serviço secreto alemão, agentes iranianos estão tentando adquirir know-how técnico sobre as chamadas armas ABC (atómicas, biológicas e químicas) e as tecnologias com elas associadas. Também estão interessados em obter armas de duplo uso — produtos que têm tanto aplicação civil como militar; por exemplo, nos campos da tecnologia de instrumento e engenharia. Logo após o fim da Guerra do Golfo Pérsico, em 1991, a ONU se incumbiu da difícil tarefa de rastrear e destruir armas iraquianas de destruição em massa, muitas das quais foram desenvolvidas através da compra de tecnologia civil supostamente inofensiva.

Um mundo sombrio

Na atual era da informação, agentes secretos não necessitam mais das elaboradas estratégias de capa-e-espada do passado. Em vez de ter de revirar às pressas arquivos durante a noite, agora é relativamente simples interceptar transmissões de satélite, entrar em bancos de dados ou usar aparelhos de escuta ultramodernos para monitorar linhas de fax e telefone.



Muitos casos da guerra eletrônica chegam ao conhecimento do público, mas é provável que sejam apenas a ponta do iceberg. E, mesmo nos crimes mais divulgados, muitos dos detalhes permanecem ocultos. Não é nenhuma surpresa que governos e órgãos de inteligência, em geral, relutem em revelar como obtiveram determinadas informações.

Até mesmo equipes de jornalistas experientes dificilmente descobrem todos os fatos desses casos de espionagem.

Em 1993, duas gigantes alemãs da eletrônica e da engenharia, a Siemens e a AEG, apresentaram juntas uma proposta numa concorrência pública para desenvolver, na Coreia do Sul, trens de alta velocidade para o trajeto de 420 km entre Seul e Pusan. O consórcio britânico-francês da GEC Aisthom ganhou a concorrência, embora a proposta alemã tivesse custo mais baixo. A Siemens suspeitou que suas comunicações houvessem sido grampeadas pelo grupo rival, mas nada pôde ser provado. Em 1994, informações fornecidas por órgãos de inteligência secreta dos EUA permitiram que as empresas aeroespaciais americanas Boeing Aerospace, McDonnell Douglas e Raytheon ganhassem dois contratos de vários bilhões de dólares da Arábia Saudita e do Brasil, depois que o presidente americano Bill Clinton se queixou a esses governos de que empresas francesas rivais haviam pago suborno para ganhar os contratos.

Os EUA e a França têm uma longa história de guerra econômica mútua. Há alguns anos, a linha aérea francesa Air France, de propriedade do governo, grampeou as conversas de passageiros que viajavam na primeira classe, alguns dos quais eram empregados de companhias aéreas americanas. O governo francês pediu desculpas por esse acontecimento, mas reverteu a situação em 1995, quando cinco oficiais da CIA foram expulsos da França por terem montado uma operação para obter informações sobre a indústria francesa de telecomunicações.



O Japão tem apenas um pequeno órgão de inteligência estrangeira, mas importantes informações comerciais são colhidas pelo poderoso Ministério de Assuntos Econômicos em conjunto com a indústria privada.

Empresas adquirem dados através de suas filiais espalhadas pelo mundo, e avaliam cuidadosamente as fontes.

Em 1994, órgãos alemães de inteligência reconheceram a grande

habilidade japonesa em obter informações legais, sobretudo aquelas que dizem respeito a patentes globais, análises econômicas e estudos sobre tendências futuras. Autoridades alemãs afirmam que milhares de cientistas, tradutores e especialistas no campo da tecnologia estão permanentemente avaliando publicações especializadas. O Japão também faz uso de inteligência militar e de sua infra-estrutura altamente avançada de telecomunicações para conduzir operações de espionagem contra a ex-União Soviética e os Estados Unidos.

Sem caminho de volta?

Em alguns países, o roubo de segredos industriais ou comerciais é devidamente punido. Em 1996, o Congresso dos EUA aprovou uma lei sobre espionagem industrial, que estabelece até 15 anos de prisão e multas de até 500 mil dólares para indivíduos ou 10 milhões para empresas, dependendo da gravidade do crime. Outros países introduziram legislação semelhante. A coleta ilegal de segredos comerciais só terá fim quando as nações do mundo concordarem que a espionagem industrial precisa ser banida. Em 1997, uma comissão do Bundestag (o parlamento alemão) tomou providências pioneiras nessa direção quando propôs a proibição completa da espionagem industrial, pelo menos entre as

nações ocidentais industrializadas. Seria um verdadeiro passo na direção certa se outros países anunciassem que tencionam seguir o exemplo alemão. Até aqui, as perspectivas para tal não são boas.